

EXPLICAR, MEDIAR E AVANÇAR: A “INTRODUÇÃO À DIALÉTICA” DE THEODOR ADORNO

EXPLAIN, MEDIATION AND ADVANCE: “AN INTRODUCTION TO DIALECTICS” BY THEODOR ADORNO

*Alex Rolim Machado*¹

ADORNO, Theodor W. **Introdução à dialética**. Tradução e apresentação à edição brasileira por Erick Calheiros de Lima. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

Resumo:

A presente resenha pretende apresentar ao leitor/leitora a recente obra publicada de Theodor Adorno – Introdução à dialética. Fruto de vinte aulas ministradas no ano de 1958, o livro é uma porta de entrada para o início da definição, problemas e aplicabilidade da dialética no trato das ciências humanas em geral

Palavras-chave: Theodor Adorno; Dialética; Hegel

Abstract:

This review aims to introduce the reader to the recent published work of Theodor Adorno – An introduction to dialectics. The result of Twenty classes taught in 1958, the book is a gateway to the beginning of the definition, problematics and applicability of dialectics.

Keywords: Theodor Adorno; Dialectics; Hegel

¹ Doutor em História. SEDUC-AL. Email: arolimm@professor.educ.al.gov.br, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2278443052720688>

Há quem diga que o filósofo alemão, Theodor Adorno, tem duas linguagens: uma mais acessível, presente em suas aulas, entrevistas e conferências; e uma mais erudita e virtuosa, encontrada nos livros maturados individualmente, em seu gabinete de estudo. Essa constatação, muitas vezes trazida por intelectuais e comentadores de seus trabalhos, cria uma espécie de barreira para os neófitos na chamada “teoria crítica” da Escola de Frankfurt. Da mesma feita, um efeito oposto é também acionado: isto é, dá-se um norte para os iniciantes começarem seus estudos sem sofrerem os percalços e sudoreses dos momentos em que a própria inteligência é posta à prova ao ler parágrafos e páginas difíceis de decodificações imediatas. Temas como a indústria cultural e a música já foram bem vulgarizadas – na boa acepção da palavra – a partir da obra de Adorno e seus continuadores. Todavia, alguns outros continuam ainda relativamente obscuros, ou, pelo menos, cerrados nos ambientes da academia, mais propriamente os departamentos de filosofia. Um deles, que é interesse nessa resenha, é o tema da *dialética*.

A utilização da dialética por Adorno já é conhecida de sua mais famosa obra, escrita a quatro mãos, com Max Horkheimer: **Dialética do Esclarecimento** (1985 [1944]) A mais famosa dupla da “Escola de Frankfurt” tinha como referências imprescindíveis o hegelianismo e o marxismo². Para um leitor de Hegel, os capítulos redigidos podem ter uma escrita hermética, mas cuja argumentação tem um cerne inteligível (uma chave de orientação), tornando a leitura menos exaustiva. Entretanto, para um não-leitor/leitora de Hegel, ou, ainda, um leitor/leitora que ainda acredita que a dialética seja a tríade simplificada de tese-antítese-síntese (“triádica”, nos dizeres de Adorno), o deciframento do uso do conceito de dialética por Adorno aparecerá demasiadamente confuso e difícil.

Nesse sentido, a edição de **Introdução a Dialética** (2022 [2010]) aparece em um bom momento no Brasil. Em tempos de reedições da obra de G. W. F. Hegel e, também, de seus facilitadores e aplicadores (Gyorg Lukács, Domenico Losurdo, Charles Taylor, Alexandre Kojève, Vladímir Lênin, Karl Marx, Slavoj Zizek, entre outros, presentes em edições traduzidas em prateleiras de livrarias no Brasil), o livro de Theodor Adorno toma a cena para apresentar ao leitor e leitora uma outra maneira de ver e trabalhar a dialética hegeliana.

É nessa esteira de dificuldade e necessidade de abertura do conhecimento que Adorno ministrou, no primeiro semestre de 1958, vinte aulas sobre a dialética na Universidade Johann Wolfgang Goethe, em Frankfurt. As aulas eram expositivas, gravadas em fita e que depois foram transcritas. Sobre cada aula, não há títulos ou divisão de temáticas para a obra como um todo. Igualmente, não se tem divisões e subdivisões de tópicos nas aulas transcritas. Porém, o próprio filósofo em muitos momentos alerta quando pretende iniciar um assunto novo ou fazer uma digressão. O único guia do livro é o “Resumo das aulas”, que o leitor/leitora rapidamente ignora já no início da leitura, haja vista que o encadeamento de ideias proferido por Adorno expõe um fio condutor entre e durante as próprias aulas³.

² Horkheimer, com o decorrer dos anos, foi abandonando o marxismo, enquanto Adorno ainda matinha a “dialética materialista” em seu horizonte de análise, v. JEFFRIES, 2018[2016].

³ Sobre o ambiente de elaboração das aulas e construção da obra, ver a “Apresentação à edição brasileira”, feita por Erick Lima e a “Nota à edição alemã [2010]” de Christoph Ziermann, v. ADORNO. 2022 [2010], p. 11-46, 59-64. A “apresentação” de Erick Lima está disponível *online* em <https://aterraeredonda.com.br/theodor-w-adorno-introducao-a-dialetica/> acesso em 04/05/2024, Às 10:11 am.

Apesar do livro **Introdução a dialética** não ter uma ordem de assuntos, nem divisões de temáticas, considera-se nessa resenha crítica que a exposição da “divisão da obra” (principalmente a linear) seja trabalho desnecessário, uma vez que se tem o “resumo das aulas”. Da mesma feita, não indicaremos as páginas e as aulas quando formos citar determinados assuntos tratados por Adorno, isto é, não se pretende aqui “viciar” o leitor e leitora a pular de aula em aula, atrás do argumento fechado. Seguiremos, portanto, a famosa posição de Karl Marx acerca da necessidade de paciência ao leitor em galgar os degraus da construção do conhecimento, apesar da sede de querer saber de imediato a conclusão⁴. Nesse caso, toma-se como mote de análise algumas exposições arbitrárias e subjetivas como uma bússola para início de estudos. O filósofo alemão empreende várias tarefas que se designa, aqui, nessa resenha crítica (não presente no texto de Adorno, portanto), como os atos de 1) explicar a dialética de maneira didática, resumida, e socialmente historicizada, facilitando seu entendimento para um não conhecedor da obra de Hegel, com o manejo exemplar de um vocabulário contemporâneo; 2) mediar a aplicabilidade da dialética ao debater com outros filósofos que igualmente discutiam o método científico, com foco na disputa à época de Hegel sobre a empiria e o idealismo; e, por fim e mais importante, 3) avançar no trato e na aplicabilidade da dialética como algo aberto e em constante dinâmica, evitando encerrá-la em esquemas interpretativos fechados e autossuficientes (maior batalha de Adorno, presente em todas as aulas).

1) Explicar a dialética: É na primeira parte do livro de Adorno que a noção de dialética é mais bem trabalhada. Adorno pretendia entregar para seus estudantes não apenas um panorama geral, mas a própria construção do conceito de dialética, com referências advindas da Grécia Antiga, principalmente na figura de Platão e Sócrates, para chegar nos idealistas como Kant e Hegel. Entretanto, Adorno emprega a própria dialética para explicar a dialética como um conceito em construção e dinâmico. Isto é, para o professor, a dialética não deveria ser explicada apenas pelo que ela “é” (ou deveria ser, ou é dita para ser), mas, inclusive, pelo que ela “não é”. Adorno facilita o que Hegel quis demonstrar, em contraposição a outros idealistas e empiristas, ao mesmo tempo em que desconstrói uma noção já abordada por Hegel mas que ainda continuava em voga em 1958: a noção da dialética pela fórmula da “tese, síntese e antítese”.

A explicação de Theodor Adorno, apesar de ter mais ênfase nas primeiras aulas, não deixa de retornar em outros momentos. Porém, o ato da explicação carrega dentro de si um comportamento que desmonta a visão pejorativa de muitos leitores e leitoras desavisados: a destreza de Adorno em fugir do linguajar rebuscado, hermético, erudito em demasia. O professor, para melhorar a absorção do conhecimento e a passagem – dialética – entre ele e seus alunos e alunas, não titubeia em traduzir conceitos e vocabulário de Hegel para o interessado contemporâneo. Em outras palavras, Adorno não fica preso – e quase não é presente em suas aulas – à dança dos famosos “em-si”, “para-si”, “de-si”, ou, ainda, “espírito”, “eu”, “ser”, “coisa”, “consciência”. Até mesmo conceitos imprescindíveis para o desenvolvimento da dialética hegeliana mal aparece, como a já conhecida “suprassunção” (*aufheben*). Outros são explicados para não gerar confusão aos estudantes que estavam presentes em suas aulas, como, por exemplo, a ideia de “abstração”, que, para Hegel e o idealismo, teria uma conotação diferente do que aqueles tempos em que Adorno vivia e lecionava. Alguns tópicos são trabalhados em momentos oportunos, como as ideias de “momento e movimento”, “particular e

⁴ MARX. 2017 [1890], p. 93.

universal”, “sistema e modelo”, “sujeito e objeto” e “conceito”. A “exceção” de Adorno fincou-se no termo “mediação”, o que nos faz acreditar que essa seja a ferramenta mais defendida por Adorno em suas aulas. Um termo que também recebeu atenção de Adorno foi o de “conceito”. Entretanto, o leitor/leitora atual que tem o livro em mãos não percorrerá verdadeiras exegeses do vocabulário hegeliano. Não há, portanto, nem sombra da tentativa de reescrever a **Fenomenologia do Espírito** de Hegel para leigos. Adorno sozinho já cria uma boa atmosfera de entendimento, em um linguajar profundo e acessível.

2) Mediar a aplicabilidade da Dialética. Após deixar bem salientado, discernido e encaixado seu caminho de trabalho e explicação, o filósofo alemão parte, de maneira natural e quase que imperceptível, ao trabalho da dialética em consonância e distanciamento com a filosofia pós-idealista. Esse ponto é de suma importância, haja vista que, para Adorno, a dialética não poderia se encerrar nela mesma, como um sistema fechado e autoexplicativo que geraria uma elucidação mecânica de tudo. Em outras palavras, a aplicabilidade da dialética em conversas com outros filósofos estaria intrinsecamente ligada aos momentos iniciais de suas aulas, onde a dialética foi “definida”. Adorno pretendia, então, trazer a dialética para a práxis, e via nessa empreitada a potencialidade da mediação (*id est*, “(...) o momento do devir que está posto em todo e qualquer ser”, (2022 [2010], p. 101) para trabalhá-la em aproximação e afastamento com outros filósofos que estudaram e contribuíram para teorias do conhecimento.

Nesse campo, Adorno finca mais comentários aos positivistas, mas, em algumas passagens, não deixa de tecer comentários mais contundentes ao “Diamat” (materialismo histórico e dialético, dito “stalinista”, encarado como “marxismo soviético”), e aos sociólogos estadunidenses. De maneira mais centralizada, Adorno utiliza algumas aulas para debater a dialética e a teoria do conhecimento com filósofos já conhecidos, como Kant e até mesmo Nietzsche. Algumas passagens são remetidas a Husserl (e os editores da obra prestam grande ajuda ao indicar a ligação das colocações de Adorno com outras parecidas encontradas em **Para a metacrítica do conhecimento** (2015), também obra de Adorno baseada em aulas ministradas em 1956). Max Weber também recebe atenção, principalmente nos momentos da exposição de Adorno sobre o “tipo ideal” de Max Weber e em como a dialética teria que, em alguma medida, dialogar ou não com os positivistas. Da mesma feita, o amigo intelectual de Adorno, o também filósofo e ensaísta Walter Benjamin, é trazido à cena em passagens rápidas e, ao mesmo tempo, profundas sobre as discussões de suas temáticas e a proposta da dialética, com especiais referências de Adorno no que concernia a questão da “origem” que era trabalhada por Benjamin, principalmente em sua obra **A origem do drama trágico alemão** (2016[1925]).

O filósofo com quem Adorno mais dialoga em suas aulas, reservando, inclusive, três delas para o debate, foi o francês René Descartes. Adorno centra atenção especial nas “quatro regras que se encontram no início do *Discours de la Méthode*” (2022, p. 331). Sua explanação, entretanto, não se baseia na desconstrução de Descartes a partir da força destruidora da dialética, mas, ao contrário, parte da dialética para dinamizar e reler Descartes, visando sua incorporação sobre os aspectos do método científico e onde a dialética encontra-se nele inclusive enquanto contradição.

Não se pretende aqui esmiuçar as críticas de Adorno, e sim informar que seus debates se centravam (em relação à essas correntes) no aspecto do fechamento e da abertura do uso da dialética. Isto é, a dialética deveria ser um

sistema fechado ou uma constelação aberta? Para Adorno, a segunda proposta é a que recebe sua defesa, e, apesar de não fazer referências ao contexto histórico, um leitor/leitora arguto/arguta perceberá a influência da ideologia burguesa pós-guerra adentrando no trato das ciências sociais.

3) Avanço na Dialética contra sua domesticação. Se a dialética não pode ser encerrada em um esquema interpretativo fechado, equalizado, domesticado, e muito menos aburguesado e burocratizado, cabe a ela, portanto, a constante operacionalidade para validar sua filosofia. Se Adorno, em todas as suas aulas, evita ao máximo definir ou sistematizar a dialética, o faz não apenas utilizando de fraseologias ou citando passagens de Hegel, e sim principalmente, com o uso de suas próprias ideias e estudos, como ensaios literários em torno da obra de Kafka, avaliações em torno do tema da música e de suas conclusões e debates por conta da sua obra **Estudos sobre a personalidade autoritária**.

Em outras palavras, sai o argumento da autoridade (citações de Hegel para “comprovar” a abertura da dialética) e entra a prática como critério da validade (utilização da dialética enquanto defesa da legitimidade do método e de sua teoria específica). Em tempo, seria exatamente nesse avanço da dialética que Adorno conecta todas as suas aulas, uma vez que a práxis da dialética definiria o distanciamento defendido por Adorno em relação ao positivismo, ao “Diamat” e ao aburguesamento do método.

Tudo isso não significa que Adorno esteve sempre imune aos problemas inerentes e intrínsecos da dialética. Afinal, enquanto método, a própria dialética carregaria, dentro de si, sua própria contradição e endurecimento de aplicação. Adorno, portanto, promove autocríticas e enxerga limites de seu próprio uso da dialética: isto é, a dialética, como conceito aberto, não pode ser encerrada em um ato metodológico fechado, como uma pedra filosofal que, em tudo que toca, entrega as respostas necessárias antes mesmo de fazer as perguntas. Adorno percebe esse uso da dialética e tenta, a partir da mesma, olhar a contradição da formulação entre sistemas (que ele critica) e modelos (que ele defende). A dialética, portanto, deveria se preocupar com o imanente e o externo: isto é, deve atuar de dentro pra fora e, por conseguinte, de fora para dentro. Em uma passagem rápida, mas de potência instigante, Adorno retoma uma análise sobre a temática da música (“que chamei ‘música a partir de fora’” (p. 380), trazendo-a à aplicação da dialética:

(...) entendendo isso tanto em sentido literal quanto metafórico. Em primeiro lugar, em sentido literal, tratava-se de escutar a música tal com ela reverbera não no interior de uma casa de ópera quando não conseguimos, após o intervalo, voltar à tempo à sala e somos obrigados a escutar os estrondos do lado de fora – captando com isso, do exterior do auditório, aquilo que é dito por esses ruídos e estrondos. Eu tinha a sensação de que se revelaria um modo, um aspecto específico da música, ao nos colocarmos no exterior do auditório – um aspecto que, de outra maneira, não poderia vir a ser percebido. Falando de maneira mais geral, dei-me conta de que declarar algo sobre um fenômeno apenas é impossível se, ao mesmo tempo, em certa medida, nós o vemos também desde fora, e não apenas a partir de dentro, isto é, nos limites do contexto social no qual ocorre. (idem, p. 380-381).

E, como ponto alto, Theodor Adorno já denunciava aspectos do que hoje consideraríamos “pós-modernismo” ou “pós-estruturalismo”. Adorno tece comentários aos que se encontravam, no pós-grande guerra, enclausurados no raciocínio científico onde se priorizava o método-por-ele-mesmo. Isto é, começava-se na Europa ocidental uma ofensiva de ignorar, ou menosprezar, o papel das teorias na leitura de situações concretas. A obsessão pelo método e a

diminuição gradativa da importância teórica incomodava Adorno que via, naquela quadra histórica, a dialética ser utilizada em seu modo de afirmação de verdades e menos em sua capacidade de problematização de perguntas. A totalidade, portanto, estava sendo pulverizada para dar espaço aos meros fatos ou análises “micrológicas” (2022, p. 348) de fenômenos encerrados neles mesmos, sem conexão com um todo. Nesse sentido, é exemplar em Adorno a sua defesa da dialética dentro do campo do “inimigo”. Em outras palavras: vê-se em várias aulas a aplicação da dialética em situações que, a princípio, seriam “não-dialéticas”, como o positivismo (ou neopositivismo) e sua ideia de fato e microanálise; o kantismo (ou neokantismo) na situação da essência; e a sociologia estadunidense nas suas tentativas liberais de promoção de sistemas baseados em modelos administrativos de tudo abarcar com cálculos, planilhas e gráficos.

*

Ao fim e ao cabo, as aulas de Adorno entregam aquilo que o autor “prometia” aos seus estudantes: um resgate da filosofia enquanto problematização, pôr em movimento, formular o mundo e voltar a si próprio para formular-se em imanência. A dialética hegeliana, portanto, fora introduzida em bases contemporâneas, com linguajar que transitava entre o quase-coloquial e o erudito acadêmico.

Adorno nos ensina a filosofar: a pensar a si próprios. A sermos dialéticos consigo mesmo enquanto aprendemos e estudamos a dialética

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor (2015). Para a metacrítica da teoria do conhecimento – Estudos sobre Husserl e as antinomias fenomenológicas. Tradução Marco Antônio dos Santos Casanova. São Paulo: Editora Unesp.

ADORNO, Theodor (2019). Estudos sobre a personalidade autoritária. Tradução Virgínia Helena Ferreira da Costa; Francisco Lopez Toledo Correa; Carlos Henrique Pissardo – São Paulo: Editora Unesp, [1950]

BENJAMIN, Walter (2016). Origem do drama trágico alemão / Walter Benjamin; edição e tradução João Barreto – 2 ed.; 1 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora.

JEFFRIES, Stuart (2018). Grande Hotel Abismo: a Escola de Frankfurt e seus personagens. / Stuart Jeffries: tradução de Paulo Geiger. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, [2016].

LIMA, Erick (2023). Theodor W. Adorno – Introdução à dialética. Disponível em <https://aterraeredonda.com.br/theodor-w-adorno-introducao-a-dialetica/> acesso em 04/05/2024, Às 10:11 am.

MARX, Karl (2017). O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital / Karl Marx; tradução Rubens Enderle. – 2 ed. – São Paulo: Boitempo, [1890]

ZIERMANN, Christoph (2022). “Nota à edição alemã [2010]”. In: ADORNO, Theodor W. Introdução à dialética / Theodor W. Adorno; tradução e apresentação à edição brasileira por Erick Calheiros de Lima. – São Paulo: Editora Unesp, 2022. [2010]

Recebido em: 04/2024

Aprovado em: 10/2024

